

**Música em família**

Arismar e Thiago do Espírito Santo, pai e filho, juntam-se no palco do Sesc para mostrar seus talentos no show *Cordas à Solta* que apresentam hoje, às 19 horas, no Sesc, com entrada franca. D-2

galeria@atribuna.com.br

**Galeria**

# Vamos celebrar Jair, um autêntico fingidor

Amigos e parceiros de Jair dos Santos Freitas, que há dez anos se foi para agitar praças de outras dimensões, reúnem-se para um tributo que a Cidade está a lhe dever

**JULINHO BITTENCOURT**

CRÍTICO DE MPB  
ESPECIAL PARA A TRIBUNA

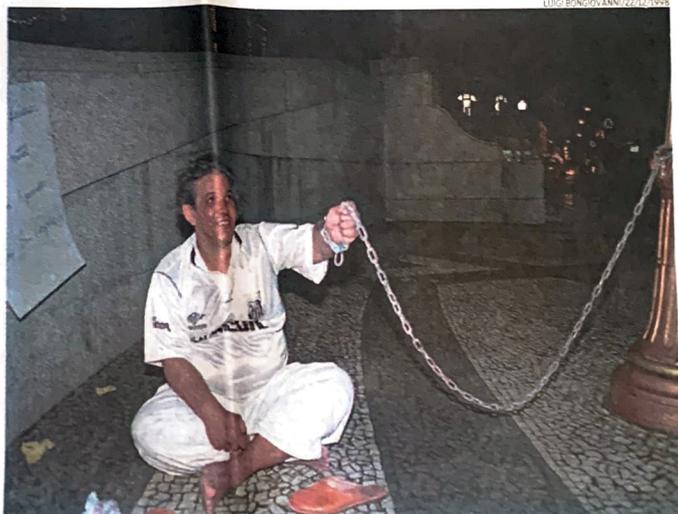
Jair de Freitas foi um fingidor. Fingiu dores e amores sem fim e valeu-se deles para poemas e canções desesperadas que alçaram amigos, hoje, recordam. Fingiu-se de valente, pleno em desacato quando na verdade não passava de um fidalgo. Era capaz de fazer bonito em qualquer salão. Desde os revestidos de mármore e mogno até as sinucas mais imundas de cimentado e fórmica. Reconhecia de esguelha elementos materiais e humanos, detestava poderosos, disputava poder, bebia a cântaros, mas não suportava bêbados, fazia que fazia, dizia que fazia, numas vezes ficou no disse que disse e, em muitas outras, fez mesmo.

Fingia que era vadio e não parava de produzir um instante. Entre poemas, projetos, sambas e paixões irremediáveis, só descansou no sétimo dia de sua ode irrevogável. No seu pacto com o espelho, optou por viver tudo em quarenta e poucos anos a viver pouco em muitos, entre corredores de hospitais encardidos e planos de saúde desonestos. Fingia que tinha pressa, fingia que queria ir embora logo. Se agarrou à sua obra

até o último instante.

A despeito do nariz de cera acima, é preciso que se diga aos incautos que Jair de Freitas foi um poeta, compositor, militante político e cultural e perturbador da paz pública que nasceu em Santos, ilha de São Vicente, em plena década de 50. Viveu a maior parte na sua cidade natal, mas passou algum tempo da década de 70 em Bruxelas, na Bélgica, casou algumas vezes, teve duas filhas, pela ordem, Miranda e Carolina. Entre toneladas e litros de substâncias lícitas e ilícitas estudou Direito, foi funcionário público, amou e até creu. Creu tudo que pôde na poesia que escrevia, no amor das mulheres e dos amigos e na imponderável mudança da ordem das coisas. Por esses pequenos detalhes foi capaz de quase tudo.

E não pense que esse "quase tudo" é retórica. Certa vez, e este é só um dos exemplos, acorrentou-se na porta do prédio da Prefeitura de Santos, sob as intempéries do clima do abafado e úmido verão santista, em protesto pelo não pagamento do 13º do funcionalismo. Convidado pelo prefeito de então a sair, com a promessa de que teria o seu problema resolvido, disse que só sairia dali com o pagamento de todo o efetivo, de todo o quadro da Prefeitura. Assim foi feito e, poucas horas depois, foi de lá direto para o hospital, impregnado



LUIGI BONGIOVANNI/22/12/1998

Jair nunca mandou recado. Acorrentou-se quando a Prefeitura não pagou o 13º do funcionalismo

de orgulho e pneumonia.

Tudo com ele era assim, intenso e imediato. Tinha que ser agora, havia de ser já. Batia na casa dos parceiros no meio da madrugada, tirava amigos advogados da cama, arrumava quinzimas enormes sem a menor explicação. Desafiava quem quer que fosse com o tamanho que tivesse por qualquer razão que houvesse de ser. Era, ou ao menos parecia ser, totalmente desprovido de medo.

Lia com a mesma compulsão

que escrevia. Declamava Baudelaire de cor no original, citava trechos da Bíblia, conhecia Filosofia e História, tocava vários instrumentos, sabia cultura popular, a métrica e a estrutura de folgedos, cordéis e cantigas. Compunha com a mesma intensidade e entrega uma ode à devastação colonizadora das praias brasileiras sertão adentro e um samba para a banda Segura no Bagre.

Com tudo isto, deixou uma obra extensa e razoavelmente organizada. Em vida só lançou um li-

vro, o lindo e contundente *Rota Rota*, mas ficaram vários outros prontos. Sua viúva e companheira dos últimos anos, Mariza Freitas, ao lado do amigo Fernando Borgomoni, os dois da produtora Cavallo de Praia, cuidam atualmente da publicação de toda a sua obra literária e parte da musical, que está diluída entre vários parceiros. O mais frequente de todos, o músico e amigo João Paulo Maradei, se foi também e levou com ele parte da memória da dupla.

Na segunda metade de 2010,

foram completados dez anos que Jair partiu, precocemente, aos 46 anos. Através de uma iniciativa própria, que encontrou guarida imediata do secretário de Cultura Carlos Pinto e de toda a turma da Secult, alguns amigos se reúnem na próxima sexta-feira (18), para uma homenagem singela e afetiva à sua obra e memória. No palco do Teatro Guarany, a partir das 21 horas, para apresentar as suas composições, vão se revezar os músicos Lincoln Antônio (com Juçara Marçal), Luiz Cláudio de Santos e eu, três dos seus parceiros mais constantes. Além disso, entre estas apresentações, Beatriz Rota-Rossi, Gilson de Melo Barros, Luiz Cancellato, Luiz Soares, Roberto Martins e Valdir Alvarenga, pessoas ligadas à vida e à obra do Jair, vão lembrar algumas de suas histórias e de seus textos.

Será, enfim, uma celebração à vida tão intensa e à obra tão presente ainda de um grande amigo. Mas será, também e principalmente, um reconhecimento tardio a um artista de suma importância para Santos e para o Brasil.

E este reconhecimento é tardio não porque nenhum dos envolvidos houvesse pensado em fazê-lo antes. Mas sim porque Jair, se ainda estivesse vivo, jamais iria deixar que se fizesse uma coisa dessas.

Ou, pelo menos, iria fingir que não deixaria.